

A ATUALIDADE DE "OS HERDEIROS"

THE ACTUALITY OF "THE INHERITORS"

Amurabi Oliveira*

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: EDUFSC, 2014. 172 p.

A recente tradução *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura* realizada pela pesquisadora Ione Valle¹ não apenas reacende algumas discussões no campo da Sociologia da Educação (SE) no Brasil, como também nos remete a uma reflexão sobre a atualidade desse trabalho cerca de meio século depois de sua publicação original em 1964, ainda mais em outro contexto social.

Notoriamente o campo da SE é uma seara que tende a se expandir quando é ampliado o acesso ao sistema escolar formal (ISAMBERT-JAMATI; MAUCORPS, 1972), e é nesse contexto em que são produzidos diversos relatórios que visavam conhecer o funcionamento dos sistemas escolares, tais como o Robin em 1963 e Plowden em 1967, no Reino Unido, e o Coleman nos Estados Unidos, em 1966. Na França destaca-se a “demografia escolar” desenvolvida a partir do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INDE), bem como o importante papel do Centre de Sociologie Européenne no desenvolvimento das pesquisas em SE (MASSON, 2001).

Esse conjunto de pesquisas confluía para a mesma direção ao indicarem a forte relação entre fracasso escolar e origem social. Não à toa, emerge uma gama de autores que formularam o que ficou conhecido como teorias da reprodução (NOGUEIRA, 1990). É nesse contexto que *Os Herdeiros* surge, num período de crescente demanda sobre a educação secundária (ensino médio) e superior. Esse conjunto de investigações lastreia as questões postas nessa obra, o que se articula com uma série de outras informações fornecidas por um conjunto heterogêneo de dados (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2015).

Parte desses dados, especialmente os de caráter quantitativo, encontra-se dis-

Parte desses dados, especialmente os de caráter quantitativo, encontra-se dis-

* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (Florianópolis/SC/BR). amurabi_cs@hotmail.com

1. A pesquisadora também foi responsável pela tradução de *Homo Academicus* (2011) para a língua portuguesa.

ponível para o leitor no apêndice do livro, que constitui parte significativa do trabalho aqui analisado, de modo que é possível confrontar a interpretação formulada com a base empírica de dados utilizada, ainda que tendencialmente, da forma como os dados são expostos, o que é apresentado tende a reforçar os argumentos apresentados.

Subsidiado por tais dados, *Os Herdeiros* surgiu como uma obra emblemática ao refutar as duas explicações mais influentes naquele momento para a compreensão no universo escolar: a primeira, oriunda das teses liberais, que percebia a escola como um espaço no qual são dadas iguais oportunidades; e a segunda, que parte do marxismo ao buscar apreender a dinâmica escolar, especialmente no que se refere aos processos de exclusão, a partir do lugar que a escola ocuparia na sociedade capitalista no processo de reprodução das relações sociais de produção. Bourdieu e Passeron optam por solapar completamente a primeira explicação e ampliar a segunda, tendo em vista que ainda se utilizam de categorias marxistas, especialmente classe e ideologia, ainda que elas sofram uma ampliação semântica. E como indicam Baudelot e Establet (2014), antes de sua publicação a educação não constituía, na França, um problema social, tampouco um objeto científico, de tal modo que a partir dessa obra foi inaugurada uma nova era para a análise da realidade escolar.

Para Masson (2001), este é o marco que inaugura, no campo da SE, a discussão em torno da democratização do ensino. Ainda segundo esse autor, tal trabalho realizou um modo de análise dos dados diferente daquele em voga no período anterior, embora realizado a partir de um modo de coleta da documentação bastante convencional nos anos 1960. Este também deve ser algo destacado aqui: a inovação metodológica e

redacional que *Os Herdeiros* trouxe para o campo da sociologia como um todo, e da SE em particular.

Não sem menor relevância, é válido indicar que há uma clara posição que os autores apresentam em relação a correntes intelectuais dominantes da época – a fenomenologia e existencialismo sartriano e o estruturalismo lévi-straussiano –, posicionando-se do lado da tradição epistemológica de Bachelard e Canguilhem.

O título que anuncia o primeiro capítulo “A escolha dos eleitos” sintetiza já para a tese central da análise dos autores: o sistema educacional, longe de ser um jogo onde os agentes encontram-se em iguais condições de pleitear seu ingresso e permanência é, em verdade, uma realidade mistificada que oculta como aquilo que se considera “dons naturais” são fruto das desigualdades sociais, mais que isso, da herança cultural familiar. A dimensão cultural também ganha relevo desde o subtítulo do livro *Os estudantes e a cultura*, distanciando-se das demais explicações de influência decididamente marxista, que emergiam naquele contexto visando explicar o mesmo fenômeno social: a ocupação massiva nas universidades pelos filhos da burguesia.

Além do distanciamento das explicações marxistas a partir do elemento cultural, há outros jogos semânticos na utilização das categorias analíticas que são relevantes para a singularização da teoria elaborada, por exemplo, para além da clássica dicotomização entre proletariado e burguesia, na qual a questão das classes sociais é analisada a partir da posição que os agentes ocupam em determinado modo de produção. Bourdieu e Passeron usam recorrentemente o conceito de classe junto ao qualificativo “privilégio”, utilizando amiúde os termos “classes privilegiadas” ou “classes menos

privilegiadas”. A ideia de privilégio é relevante aqui, pois indica um processo de desnaturalização do fenômeno observado.

A utilização do termo “classes privilegiadas”, em vez de simplesmente reduzi-lo à questão da burguesia em oposição ao proletariado, também assume aqui uma relação intrínseca com a análise dos dados que são apresentados – afinal *Os Herdeiros* constitui uma obra essencialmente empírica –, pois esse arranjo da categoria “classe” permite uma melhor apreensão da multiplicidade de variáveis utilizadas na análise.

Os dados estatísticos apresentados indicam como os “privilégios” operam, uma vez que, num plano mais imediato, isso se faria perceptível pela parca ou inexpressiva representatividade que os filhos dos operários, por exemplo, possuem no ensino universitário. A origem social representa, para os autores, a principal variável que determina as chances de ingresso nos estudos superiores, ainda que as mulheres tenham menos chances que os homens, o que ficaria mais evidente nas classes baixas e em alguns cursos, já que as diferentes faculdades possuem uma proporção diferente de homens e mulheres – estas normalmente ficariam relegadas às faculdades de Letras –, e essa hierarquia é ratificada de forma mais incisiva nas grandes escolas. O salto que os autores dão ocorre quando deslocam a questão do plano meramente econômico para o cultural.

A partir daí, os autores realizam um exame que combina dados quantitativos e qualitativos, a fim de demonstrar o papel decisivo que as questões culturais assumem na elaboração dos destinos escolares, com destaque para a “herança familiar”. Essa ideia será reforçada em *A Reprodução* (2008), ao se indicar o papel central que a socialização realizada no seio familiar ocupa nas trajetórias escolares, o que se coloca

de forma bastante complexa mesmo diante de casos que contrariam as estatísticas e ingressam no ensino universitário, por exemplo. Segundo os autores “Para os estudantes originários das classes baixas que sobreviveram à eliminação, as desvantagens iniciais evoluíram, o passado social transformando-se em passivo escolar pelo jogo de mecanismos de substituição, tais como as orientações precoces e frequentemente mal informadas, as escolhas forçadas ou as repetências.” (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p. 31)

Os estudantes originários das classes privilegiadas teriam uma série de características que se transformariam em vantagem na realidade escolar, pois são aconselhados por seus familiares em suas escolhas. Normalmente, conhecem bem as normas explícitas e implícitas do jogo escolar, também possuem uma larga vantagem no domínio das técnicas de trabalho intelectual, ainda que demonstrem certo desprezo por elas. Herdam, ainda, um saber-fazer e um “bom gosto” que só se faz possível mediante a frequência regular de espaços como os teatros, museus e concertos, o que é realizado nas classes privilegiadas de forma “clandestina”, sem um esforço metódico nessa transmissão cultural, ao passo que nas famílias do tipo “pequeno burguês” o máximo que pode ser herdado é a “boa vontade cultural”.

Talvez um dos pontos mais relevantes e atuais que Bourdieu e Passeron indicam nesse primeiro capítulo seja o fato de que a escola constitui a única via de acesso à cultura para as camadas menos privilegiadas, de tal forma que ela seria a via de democratização da cultura. Entretanto, isso não ocorre na medida em que a escola valoriza a cultura herdada das classes privilegiadas em detrimento daquela presente na realidade das classes baixas, pois o ensino de

cultura pressupõe um patrimônio que é próprio das classes privilegiadas.

Por fim, a dupla de sociólogos franceses volta a se distanciar das explicações de caráter mais economicistas, apresentando-se descrente ante a uma possibilidade de igualdade formal em termos econômicos por meio de políticas compensatórias, afirmando com isso que a questão é muito mais complexa e profunda.

Estas questões ganham ainda mais substância no capítulo seguinte intitulado “Jogos sérios e jogos de seriedade”, no qual as práticas desse grupo amorfo, que é composto pelos estudantes, são examinadas. Nesse capítulo a palavra ideologia é sistematicamente utilizada, ainda que anos mais tarde, em entrevista a Terry Eagleton, Bourdieu (1996) tenha afirmado que este conceito tem sido mal empregado ou utilizado de forma vaga, de modo que ele vinha optando, em seu lugar, por conceitos como “dominação simbólica”, “potência simbólica” ou “violência simbólica”².

Na busca pela compreensão da realidade dos estudantes, os autores não olvidam a relação com a classe de origem, de maneira que a mensagem fica bastante clara: mesmo com o ingresso na universidade, aqueles que transpõem as probabilidades estatísticas de serem eliminados não serão iguais àqueles que herdaram aquele espaço.

Este é um dos pontos centrais para o exame desta instituição que “prega aos convertidos”: a universidade. Bourdieu e Passeron buscam demonstrar como a experiência universitária é uma experiência de

classe, o que se faz possível a partir de um complexo jogo de identidades proclamadas e identidades ocultas, que encobrem o fato de ser um espaço predominantemente burguês marcado pela conformidade às demandas escolares, em uma população que é fruto de uma ação escolar continuada.

A possibilidade de adesão ou não ao jogo intelectual instaurado relaciona-se assim com a origem de classe³. A persistência dessa afirmação nos remete ao conceito que será central nas reflexões de Bourdieu: o *habitus*, tendo em vista que este é um conjunto de predisposições internalizadas (BOURDIEU, 2009).

No terceiro e último capítulo “Aprendizes ou aprendizes de feiticeiro?” é aprofundado o debate sobre a condição de estudar, que na leitura dos autores é mais do que produzir algo, remete sim a produzir-se como capaz de produzir, além de ampliar o escopo de análise sobre o meio acadêmico, surgindo aí com mais força a figura do professor. Uma análise verdadeiramente mais sistemática do meio acadêmico será empreendida por Bourdieu em *Homo Academicus* (2011), publicado vinte anos depois de *Os Herdeiros*.

Novamente ganha força aqui a análise das práticas estratificadas a partir das origens sociais, pois para alguns o futuro profissional parece irreal, podendo assumir, em alguns casos, uma postura “diletante” que implica em encarar os estudos como uma aventura intelectual, ao passo que para outros a mistificação do futuro jamais poderá ter pleno sucesso.

2. Não podemos olvidar que na obra de Bourdieu as produções simbólicas são também formas de dominação, cumprindo a função política de legitimação das relações de poder assim dispostas.

3. Destaca-se que isso não implica em um automatismo, pois tal adesão também remete a um conjunto de aptidões, atitudes ou disposições que tornam as regras e efeitos do jogo mais ou menos familiares.

As ideias esboçadas confluem com algumas conclusões de Bourdieu em *A Distinção*, obra na qual ele afirma categoricamente que nem todos os pontos de chegada são igualmente possíveis para todos os pontos de partida (BOURDIEU, 2007), o que é naturalizado ante à cumplicidade ontológica existente entre agência e estrutura. Ao que parece, o espaço universitário seria um *locus* privilegiado de observação dessa dinâmica social, que se substância ainda no desprezo aparente pela aprendizagem de todo tipo de técnica ou receita que possa desmistificar o labor intelectual, que, para ser valorizado deve ser percebido como “natural”, como um “dom”.

Se os capítulos que compõem *Os Herdeiros* nos trazem elementos que de algum modo foram aprofundados em trabalhos posteriores de Bourdieu, a tônica principal da “Conclusão” é outra, pois está repleta de alguns pontos que foram abandonados por ambos os autores no decorrer de suas trajetórias intelectuais. A crítica presente nas conclusões é bastante dura, incluindo aí a prática dos professores, bem como os sistemas acionados para garantir a “equidade” no sistema escolar como os concursos, que, na leitura dos autores, apenas transformam a desigualdade em mérito. Buscando avançar na discussão que levam ao longo do livro, eles passam então a pensar numa proposta pedagógica que pudesse senão transpor, minimizar o efeito decorrente da relação entre desigualdades sociais e sucesso/fracasso escolar.

Ao que me parece esse livro segue a clara distinção elaborada por Durkheim em *Educação e Sociologia* ([1922]2011) pois, ao passo que a primeira parte do livro se preocupa na realização de uma ciência da educação, cujo foco limita-se a dizer como as coisas são, a parte final desenvolve uma pedagogia que seria uma teoria da prática.

Indica, com isso, os modos de proceder tendo por base os elementos trazidos pela análise científica, especialmente a Sociologia, que ocuparia um espaço privilegiado no processo de elaboração de uma pedagogia, dado o caráter social da educação.

Embora Bourdieu e Passeron estejam particularmente engajados em desvelar a ideologia do dom, também chamada por eles de ideologia carismática, que se baseia na cegueira diante das desigualdades sociais que sustentam o privilégio cultural, eles não refutam o fato de que certas habilidades exigidas pela escola sempre constituirão a cultura erudita, contudo “(...) o professor de letras somente está no direito de esperar a virtuosidade verbal que lhe parece, não sem razão, associada ao próprio conteúdo da cultura que ele transmite se essa virtude for tomada pelo que ela é, isto é, como uma aptidão suscetível de ser adquirida pelo exercício, e se obriga a fornecer a todos os meios de adquiri-la.” (p. 98).

Essa virtude seria uma demanda real que possibilitaria um processo de democratização verdadeira, baseada, portanto, no que eles denominam nesse trabalho de uma “pedagogia racional”, cujo sentido do termo distanciar-se-ia do que se tem convencionalmente rotular dessa forma. E este seria um passo relevante rumo à democratização do ensino, que possuiria como fim, na perspectiva dos autores “(...) *permitir ao maior número possível de indivíduos aprender no menor tempo possível, o mais completamente e o mais perfeitamente possível, o maior número possível de aptidões que caracterizam a cultura escolar em um dado momento.*” (grifo, em itálico, dos autores, p. 101). Pedagogia racional e democratização andariam juntos, e deveriam ter por base uma sociologia das desigualdades culturais.

Talvez as ideias esboçadas nesta parte final do texto constituam o que há de mais

original nesse livro, tendo em vista que o projeto de uma “pedagogia racional” fora abandonado nos trabalhos posteriores de ambos os autores (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2004, 2015)⁴. *Os Herdeiros* mais que *A Reprodução* acaba por fugir um pouco do “pessimismo” sociológico, indicando uma possibilidade de ação por parte dos agentes sociais envolvidos com a realidade escolar.

Considerando tanto os avanços trazidos pela obra quanto as críticas a ela tecida, devemos reconhecer que a leitura de *Os Herdeiros* demanda assim que o encaremos como um fruto de seu tempo, pois suas conclusões se baseiam numa dada realidade histórica e social, mas com a certeza de que os dilemas desse tempo não estão superados, longe disso, continuam pulsantes especialmente na realidade de um país como o Brasil, entrecruzado por múltiplas desigualdades sociais e diante de enormes desafios que se colocam ante ao crescente processo de expansão do acesso ao sistema de ensino, cuja massificação não implicou em democratização.

Referências

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. Escola, a luta de classes recuperada. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, n. 22, p. 198-213, 2014.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. *Homo Academicus*. Florianópolis: EDUSFC, 2011.

_____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. *A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista*. In: ŽIŽEK, S. *Um mapa*

da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 265-278.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____; _____. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: EDUFSC, 2014.

DURKHEIM, É. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ISAMBERT-JAMATI, V.; MAUCORPS, J. G. *La Sociologie de L'Éducation: tendances actuelles de la recherche et bibliographie. La Sociologie Contemporaine*, v. 20, n. 1, p. 5-49, 1972.

MASSON, P. *La fabrication des Héritiers. Revue Française de Sociologie*, v. 42, n. 3, p. 477-507, 2001.

NOGUEIRA, M. A. *A Sociologia da Educação do final dos anos 60/ início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução*. Em *Aberto*, v. 9, n.46, p. 49-58, 1990.

_____; NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu Et a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. *Os Herdeiros: Fundamentos para uma sociologia do ensino superior. Educação Et Sociedade*, v. 36, n. 130, p. 47-62, 2015.

PASSERON, J. *Morte de um amigo, fim de um pensador*. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 17-91.

Recebido em: 26/04/17

Aprovado em: 07/10/17

4. Não se nega, com isso, que as ideias aí esboçadas tenham influenciado trabalhos posteriormente desenvolvidos. Todavia, concordo aqui com as colocações de Nogueira et Nogueira (2004) ao indicarem que, da forma como fora concebida em *Os Herdeiros*, este conceito perde fôlego na obra de Bourdieu e acaba por ser um conceito praticamente abandonado nos termos de sua elaboração original.